



SEÇÃO: LITERATURA

Violência, desilusão e sobrevivência em “Tio me dá só cem”, de João Melo

Violence, disillusionment and survival in “Tio me dá só cem” by João Melo

Renata Cristine Gomes de Souza¹

orcid.org/0000-0001-7830-4571
renatacgs@id.uff.br

Recebido em: 13 jul. 2021.

Aprovado em: 10 jan. 2022.

Publicado em: 20 out. 2022.

Resumo: O presente trabalho pretende avaliar as representações e a simbologia dos espaços, mostrando suas relações com processos de violência, desilusão e resistência no conto “Tio me dá só cem”, de João Melo. Para tal, evidenciaremos a apresentação da vida nas ruas e da condição de subalternidade do narrador, partindo da relação que estabelece com tal espaço. A partir da análise do espaço e de suas implicações na construção dos personagens teremos uma perspectiva da representação do caos na sociedade fictícia, muito tributária do real, tornando evidente a representação de uma sociedade que, em crise, vive os impactos da guerra, do neocolonialismo e do capitalismo.

Palavras-chave: Subalternidade. Desilusão. Violência.

Abstract: This paper intends to evaluate the representations and symbolism of spaces, showing their relations with processes of violence, disillusionment and resistance in the short story “Tio me dá só cem”, by João Melo. To this end, we will highlight the presentation of life on the streets and the narrator’s condition of subalternity, starting from the relationship he establishes with such space. By analyzing the space and its implications in the construction of the characters we will have a perspective of the representation of chaos in the fictional society, very taxing of the real one, making evident the representation of a society that, in crisis, lives the impacts of war, neocolonialism and capitalism.

Keywords: Subalternity. Disillusionment. Violence.

Introdução

Os contos presentes em *Filhos da pátria* formam um conjunto coeso que refletem Luanda a partir de um viés crítico. Teremos em análise espaços diversos, dentro e fora de Angola, mas os textos majoritariamente trazem histórias que se passam na capital, Luanda, mostrando como é a vida na cidade, e algumas possibilidades e impossibilidades que ela oferece.

No retrato da capital angolana há uma diversidade de espaços e personagens que mostram a grandiosidade e a pluralidade que a capital abarca, então a cada conto vemos esferas diferentes da sociedade sendo retratadas, ou mesmo formas diferentes de tratar a mesma classe social. E embora tenhamos focos, motivações e diferentes lógicas regendo cada história, há coerência em sua junção e a partir dos conjuntos de textos, há a apresentação de uma sociedade desigual. Em sua resenha sobre o livro, o professor da Universidade Federal da Fronteira do Sul,



¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil.

Roberto Carlos Ribeiro afirma que

[s]uas narrativas denunciam as mazelas e a problemática da vida na comunidade angolana contemporânea. Elas apontam para as diferentes perspectivas dos estratos sociais e as manobras de seus ocupantes para sobreviverem em um espaço degradado em que as poucas oportunidades de ascensão social e econômica são preenchidas pelo, quase sempre, recurso do apadrinhamento. O painel social descrito nas narrativas curtas do autor é desolador, já que está todo minado pelas idiossincrasias da sociedade comercial do sistema capitalista (RIBEIRO, 2008, p. 112).

Os contos, pela possibilidade de diversas narrativas e apresentação de interações diferentes, constroem essa Babel, citada pela estudiosa. Assim, tais textos apresentam uma desarmonia que é expressa primordialmente em função do capital e da identidade cultural, que dividem a sociedade e tornam a experiência da cidade tão diferente para cada personagem.

Luanda é muito retratada na literatura angolana contemporânea, sendo a capital, traz consigo de maneira evidente os traços da colonialidade e do avanço do capitalismo. Tania Macêdo afirma que

grande parte da história da capital angolana foi alheia a seu povo, na medida em que as marcas do período colonial ainda hoje presentes em suas ruas e edifícios apontam para a história do colonizador, de sua ocupação e exploração do território angolano (MACÊDO, 2008, p. 12).

A Luanda apresentada nos textos é marcada pela experiência colonial, visto que o modelo de sociedade apresentado é o deixado pelo colonizador. A Luanda de João Melo é um reflexo da Luanda real, uma cidade muito rica, o centro do país, onde funciona o jogo político, onde áreas luxuosas convivem com a pobreza e a miséria da maior parte da população.

Joseph Ki-Zerbo afirma que "lal miséria é a anulação da escolha. E hoje, na África, as pessoas têm cada vez menos escolha" (KI-ZERBO, 2006, p. 30). É a impossibilidade ou possibilidade de escolhas a diferença que separa os personagens e as narrativas, criando a Babel desigual e sobreposta de João Melo.

"Tio, me dá só cem" traz ações que se dão nas ruas. A violência e a desumanização ignoradas,

assim como a divisão de classes como forma de organização da sociedade, são expostas através do literário. O texto atua como uma forma de trazer à luz o que está encoberto pela impossibilidade de perceber o "outro". Os espaços reservados para alguns indivíduos na capital, Luanda, lugar onde tentam reconstruir sua vida, explicitam bem o lugar – ou o não lugar – de subalternizados que ocupam na sociedade.

O presente artigo faz parte de uma pesquisa em andamento e apresenta a análise do conto "Tio me dá só cem". O texto é narrado em primeira pessoa, nele um narrador protagonista conta a sua história para um homem que passa na rua, ao qual chama de tio. O fato narrado é todo desenvolvido em apenas um parágrafo, sem quaisquer divisões. A falta de interrupções demarca um nervosismo na fala e também a confusão que todos os acontecimentos trazem para si e para a sua vida. O encadeamento e por vezes a confusão de ideias expressão a forma complexa pela qual os pensamentos e acontecimentos se conectam na mente do personagem. Tal concatenação faz com que o texto seja composto por uma série de descrições de ações que se deram no passado e que explicam o presente.

O narrador de "Tio me dá só cem" é um morador de rua, ele fala de sua vida na rua e o que levou até ali, e dos caminhos percorreu para chegar até a vida nas ruas de Luanda. Em nossa análise, teremos como foco uma perspectiva da rua como um lugar de habitação. A rua enquanto espaço de habitação não preenche as lacunas de uma casa, a qual pode trazer proteção e o desenvolvimento do indivíduo. A rua, ao contrário disso, torna a vida de quem ali habita vulnerável, onde o medo, a miséria e a violência se presentificam.

Os espaços representados no conto transparecem a crise da sociedade contemporânea, exposta através da brutalidade das descrições. O conto se passa na capital, Luanda, mas também traz descrições espaciais e situações vividas em uma província do Bié. A partir de representações de uma cidade e de uma sociedade assoladas pela pobreza e pelo caos resultados de uma guerra civil, há a apresentação de espaços que

refletem os problemas da cidade e da sociedade representada.

[...] o olhar que perscruta a cidade à procura de respostas e de "leituras" de seu espaço ou sua representação na literatura, defronta-se com ruas metaforizadas e becos de linguagem, acabando por percorrer estradas de signos que se bifurcam em leituras ideológicas e se desdobram em novas esquinas, sempre a exigirem do pesquisador a atenção para que não se deixe levar pela sedução que assalta muitos leitores: a busca do documental, ou seja, a tendência de buscar na cidade da escrita as ruas e personagens da cidade extratextual. Sob essa perspectiva, nosso esforço concentra-se em procurar aquela por detrás das imagens que se mostram, aquelas que se ocultam ao tentar captar uma "leitura do intervalo" [...] ou seja, apreender a tensão criada entre a formalização estética e a história de um lado, e os valores sociais veiculados na obra literária por outro (MACÊDO, 2008, p. 20).

O conto apresenta um reflexo do real e a partir da análise espacial podemos observar como a ficção mostra uma possibilidade de leitura do que é representado. O texto revela uma realidade cortante e que converge com as consequências de violências que se deram em razão da disputa por poder político, porém a partir do conto não temos uma descrição do que ocorreu, mas sim um olhar sobre tais processos.

As consequências são apresentadas no texto, os combates não são representados, e sim os impactos das disputas para a vida dos civis. Desse modo, não é retratado o processo, mas o que provocou na esfera social, com modificações na dinâmica das cidades e sociedade. O protagonista e sua família são vítimas da violência de um bando que invade a comunidade onde vivem. A partir dessa primeira violência, uma série de violências definem sua trajetória e os caminhos que trilha.

Muito extensa, a guerra civil em Angola destruiu grande parte da infraestrutura física e da estrutura social do país, provocando movimentos maciços da população, tanto de dentro como de fora do território nacional. Alguns dados sobre o ano que precedeu o término da guerra civil em Angola, citados por analistas e pela imprensa, apontavam 1,5 milhão de mortos e mais de 2 milhões de refugiados dentro e fora das fronteiras nacionais. Mesmo com o fim da guerra, as condições de vida da grande maioria da população angolana ainda continuam sendo extremamente precárias e ainda são visíveis dentro do território angolano consequências

diretas dos conflitos, como por exemplo, o elevado índice de minas terrestres espalhadas pelo interior do país – grande responsável pelas migrações internas, principalmente em direção à capital, Luanda. [...] Dentro da perspectiva do deslocamento interno, outro problema de grande relevância é o caso crônico de pessoas que se deslocaram maciçamente do interior para as cidades por conta da carnificina e da fome que assola o interior do país, causando assim o aumento da demanda por alimentos, medicamentos e outros serviços, aumentando a carga sobre um Estado já extremamente precário (HAIDÚ, 2009, p.160-161).

A guerra modificou e destruiu a vida de muitas pessoas. O fato, a guerra civil, é utilizado como um motivador de acontecimentos que movem a narrativa ficcional, que retoma fatos passados ligados à guerra para que o presente seja explicado.

Já na sua primeira fala, o narrador explica a sua história, procurando fazer com que o olhar receptor o veja além de um tipo social miserável e fragilizado, mas como alguém que tinha uma vida digna e que ainda possui características construídas no período em que não morava nas ruas. Para tal, retoma acontecimentos de seu passado, reconstruindo fatos ocorridos antes de ir morar nas ruas de Luanda:

eu sei contar, tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio, é assim sim senhor, não ri, foi o meu professor é quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem que é deslocado, outros porque é refugiado, essas palavras nós no mato na nossa escola mesmo nunca ouvimos (MELO, 2001, p. 31).

Ao começar a contar a sua história, o narrador procura falar de onde vem, não atrelando a sua identidade apenas a rua. Para tal fala de sua escola, do que aprendeu, como uma forma de se desvincular da tipificação feita pelo homem com quem conversa. A tipificação faz com que os sujeitos tenham um padrão, nesse caso espera-se do indivíduo características ligadas à violência e a miséria em que vive. Stuart Hall afirma que:

De acordo com esse argumento, então, os limites simbólicos são centrais para toda a cultura. A marcação leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer cultura e estigmatizar

qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a diferença seja poderosa. [...] Assim o socialmente periférico está, com frequência, simbolicamente centrado (HALL, 2016, p. 157).

Ao falar de sua história e que vida possuía até ali, o narrador trata de suas particularidades, conferindo a si a humanidade a ele negada naquele espaço, reivindicando respeito. O personagem expõe que nem sempre viveu em Luanda, mas sim na zona rural do país, onde podia usufruir de direitos básicos como a educação. No trecho o personagem assume a sua condição, enquanto refugiado ou deslocado, mostrando o seu lugar de pertença, e apontando a vida nas ruas como uma condição imposta por fatos passados.

O narrador expõe a miséria da vida nas ruas, suas carências e as possibilidades de sobrevivência de quem vive nesse espaço: "só aqui mesmo é que andamos a comer, ai, estás a rir tio, num ri então, tu não sabes que tem comida de refugiado, de deslocado, de roto, e esfarrapado, de desgraçado, lhe procuramos todas as noites nos contentores, lutamos, nos aleijamos, encontramos mesmo boas coisas" (MELO, 2001, p. 31-32).

O trecho expõe os tipos sociais que vivem na rua, primeiro aponta questões relativas ao deslocamento e depois temos as características relacionadas à miséria. Os moradores de rua, lá vivem pela impossibilidade de acesso a uma vida melhor. Em razão da invisibilidade social são classificados de subalternos, termo cunhado por Gayatri Spivak. Segundo a estudiosa, o subalterno pertence às "camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante" (SPIVAK, 2014, p. 13-14), ou seja, os subalternos são os que vivem à margem da sociedade, sem mobilidade e sem poder de ação. Os substantivos utilizados na descrição dos indivíduos que vivem na rua expõem a forma marginalizada como são vistos.

Os moradores de rua, segundo o narrador, se alimentam do que encontram nos contentores, do lixo produzido pela sociedade privilegiada, o

que lhes cabe são os restos considerados sem valor para os outros. A forma como obtém subsistência torna evidente a diferenciação desses sujeitos para o resto da sociedade a qual tem acesso aos direitos básicos. A condição de ter esse lixo como a única forma de se alimentar mostra como os personagens estão inseridos em uma sociedade desigual. Segundo Boaventura de Sousa Santos, a sociedade é estratificada por linhas invisíveis e problematiza:

As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha', e o universo 'do outro lado da linha'. A divisão é tal que 'o outro lado da linha' desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistente significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceita de inclusão considera como sendo o Outro. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida que se esgota no campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica (SANTOS, 2009a, p. 32).

Para tratar da distinção entre metrópole e colônia, Santos explica como a sociedade é estruturada. Podemos pensar na divisão do espaço citadino, traçando um paralelo com sua teoria. A divisão dos direitos e das formas de subsistência, explicitadas pelas formas de sobrevivência adotadas pelos moradores de rua, mostram que a sociedade é sectária. Os sujeitos que habitam nas ruas são expostos às condições que esse espaço lhe oferece, não tendo direito a alimentação, a proteção além disso, são invisibilizados pela sociedade, que não lhes dá voz e tira-lhes a humanidade.

No primeiro excerto do conto aqui apresentado, nota-se o descaso da sociedade diante dos indivíduos em situação de rua, quando ao ouvir a história do jovem, o transeunte ri, sua vida e suas necessidades são tratadas com descaso. A invisibilidade dessas pessoas é um traço que marca a vida nesse espaço. A rua é um lugar de passagem, os que nela passam geralmente

não têm em atenção quem ali vive, ou mesmo preferem não os ver. A sua condição nas ruas traz a invisibilidade e a falta de atenção da sociedade que não quer lidar com os problemas e o sofrimento desses que consideram os Outros. Esses sujeitos vivem e resistem apesar do não lugar dedicado a eles na sociedade.

Sobre a forma de obtenção de alimentos, o narrador diz

às vezes encontramos coisas boas, carne de vaca moida que as vezes nem é preciso lhe mastigar mais, é só engolir e pronto, pedaços de pão todos esburacados parecem levaram tiros, latas de cerveja, latas de gasosa, latas de sardinha, latas de atum, latas de feijão, latas de frutas, latas de doce, tantas latas, tantas, que eu acho que o mundo é uma grande lataria, o problema é só os ratos, os cães, os gatos, os sacanas são mesmo atrevidos, temos que lhes da berrida (MELO, 2001, p. 32).

Na rua, os sujeitos lutam com os animais pelos alimentos. A sujidade e a busca pelas necessidades básicas os forçam a viver a partir dos seus instintos. Como se estivessem em uma outra sociedade – e vivem, separados pelas linhas abissais, agem de acordo com as suas necessidades físicas. Por isso, na rua, igualam-se aos animais na busca por alimentos. Em meio à necessidade, não agem de acordo com as normas sociais ou com o que é considerado civilizado, porque agem em razão de sua sobrevivência. Tal condição é explicitada no poema "O bicho", de Manuel Bandeira.

O bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem
(BANDEIRA, 1970, p. 196).

No poema, assim como no conto, vemos o

sujeito em situação de rua sendo retratado. Sua vida em meio à sujidade e a forma de vida animalizada, marcada pela busca voraz por alimentos, tendo como única possibilidade o resto do produzido pela sociedade. O narrador se identifica como animal para falar de si quando diz "eu sou um bicho, eu sou um bicho, tio, um bicho desgraçado" (MELO, 2001, p. 33). Em uma sociedade excludente, há a invisibilização de tais indivíduos, a única coisa que pode ser produzida para eles é o já não necessário, o descartável. A falta de oportunidades e de direitos básicos como alimentação, moradia e saneamento básico faz com que os indivíduos obedeçam aos instintos a procura de alimentação e na satisfação de necessidades físicas e de proteção. Na rua não há proteção, quem nela vive, vive com medo, sem a possibilidade de se proteger, lidando sempre com a possibilidade de alguma ameaça ou violência, pronto para reagir a tais ações.

A rua se revela também como um espaço onde toda a sujidade do mundo pode acontecer. O que deve ser escondido dos meios sociais e do espaço sacralizado da casa tem seu espaço na rua, onde a imoralidade não é julgada. No conto, o encontro sexual do muata com a jovem representa essa possibilidade de vivência do espaço urbano. Na rua, em lugares escondidos, o que não se quer mostrar para a sociedade é vivido.

Deixei o muata manobrar o carro com as luzes apagadas, encostar mesmo nas pedras, desligar o motor, dei um tempo, contei nas minhas mãos até dez, então aproximei-me do carro quase sem respirar nem pisar no chão, também sei caminhar em cima das águas como Cristo, o padre que falou, cheguei assim no vidro, bati uma vez, o tipo não abriu, bati duas vezes, a mesma coisa, pensei, esse cabrão não me conhece, só porque é muata acha que eu sou burro ou o quê (MELO, 2001, p. 33).

Em Angola é chamado de muata um homem abastado ou mesmo de grande importância. O muata escolhe a rua para viver o que mantém oculto em seus meios sociais, não considerando que os espaços em que se esconde são ocupados por outros indivíduos, por isso surpreende-se com a abordagem violentada narrador, a qual reflete o medo e a agressividade da vida

das ruas. Ao mesmo tempo que o protagonista causa medo, ele mesmo tem medo. A partir da brutalidade, forma como enxerga possível a sobrevivência na rua, aborda o muata, porém o quadro muda quando enxerga uma situação de violência:

berrei então no muata, o kinjango dele continuava fora das calças completamente murcho, todo ele mole, indigno de qualquer menção, põe essa merda pra dentro, porra, se não capote aqui mesmo esta hora, xé, meu, a tua mulher sabe que você está aqui com sua neta, essa miúda tem idade pra ser tua neta, a tua mulher sabe (MELO, 2001, p. 33-34).

olhei-lhe bem, parecia um animalzinho perdido na floresta, podia ser minha irmã, tio, eu desde que vim de Luanda por causa daquela guerra não sei mais onde estão as minhas irmãs, mas aquela garina bem podia ser minha irmã, de repente me deu vontade de chorar, não sei se o tipo reparou mas eu agi mais rápido, apontei a pistola em direção da miúda e disse tu ficas aqui, vá, sai do carro, não tenhas medo porra, este cabrão não vai te fazer nada, se ele quer foder que foda a mulher dele lá em casa, vá garina, sai do carro, e tu, meu filho da puta, quieto, quieto se não dou-te cabo dos miolos agorinha-agorinha, de repente, tio, eu mesmo não sei explicar nada pois as coisas aconteceram muito de pressa [...] meu pulso estava firme, nem um tremor, tio, nem um remorso, tio, quando abri a cabeça do muata estava sobre o volante toda rebentada, o sangue jorrava-lhe da testa até o tapete formando um lago cada vez maior (MELO, 2001, p. 35).

Ao matar o muata e libertar a jovem o narrador interrompe um ato de violência através de outro, mantendo o ciclo da violência impossível de ser corrompido. A frustração de não conseguir impedir a violência que o atinge se transforma em uma força motriz proteger a jovem, na qual enxerga uma inocência que também nela já está mutilada. Até então, ao relatar as violências sofridas, o protagonista mostra não ter nenhuma força de reação, porque não há um espaço de liberdade para tal, ele encontra-se em situações de opressão e imobilidade. Porém, ao reagir contra o muata, o protagonista encontra-se em um espaço conhecido, onde tem poder, seja pela arma em suas mãos ou pelo temor sentido pelo muata.

Boaventura de Sousa Santos afirma que

[t]ransformar liberdade mínima em libertação implica a consciência de que os limites da li-

berdade não são nem naturais nem fixos; são, antes, impostos de forma injusta e suscetíveis de serem deslocados. Ganhar ou perder uma luta acaba sempre por ser um deslocamento de limites (SANTOS, 2019, p. 106).

O protagonista tem um ato não pensado, porque sua reação é impensada, feita pela necessidade. Ao se defrontar com uma situação de brutalidade, opta por devolver a brutalidade ao seu modo. Ao acessar a sua memória, o narrador enxerga no sofrimento da jovem, a dor vivida pela sua família.

Indivíduos e comunidades, ao se voltarem para o passado, podem ser incapazes de transmitir o aprendizado oriundo da experiência e da dor. A memória não obedece apenas à razão porque ela também, está relacionada, por um lado, a tradições herdadas, que fazem parte das nossas identidades e que não respondem a nosso controle, e, por outro, sentimentos profundos, como amor, ódio, humilhação, dor e ressentimento, que surgem, independentemente das nossas vontades (ARAÚJO; SEPÚLVEDA, 2007, p. 98).

A dor e humilhação sofridos ao longo da sua trajetória manifestam-se ali no escuro da rua, o ressentimento não se transforma em aprendizado, mas em uma atitude de reconhecimento da violência sofrida e reação a outras violências similares a sofridas pelos que amou. Sua ação não calculada, funciona como uma forma de vingança, salvando a moça, o personagem observa uma forma de sentir-se menos injustiçado, assim, "[a] memória da violência passada alimenta a violência presente: tal é o mecanismo da vingança" (TODOROV, 2002, p. 201).

No momento da ação, o narrador se sente confuso e não consegue explicar suas ações, apenas acessa a sua memória para compreender o assassinato e o que levou até ali. Para tal, retoma as últimas lembranças da vida em sua comunidade. Aleida Assman afirma que os espaços solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão (ASSMAN, 2011, p. 318). Assim, recordar do seu passado, o protagonista descreve tal momento:

ouvi a voz da minha mãe, os gritos da minha mãe, o desespero todo da minha mãe quando os homens lhe violaram, um dois, três quatro,

cinco, seis, depois lhes espetaram a baioneta na cona, lhe puseram gasolina e lhe incendiaram com fogo, eu e o meu irmão mais velho estávamos escondidos no capim atrás da casa, vimos tudo, queríamos socorrer a nossa mãe mas fugimos, fugimos, fugimos até que encontramos a tropa, desde então costume escutar a voz da minha mãe na cabeça, surge assim de repente, nos piores momentos, quando tenho mais vontade de morrer (MELO, 2001, p. 37)

A reconstrução do que viveu no passado é feita nos momentos em que o narrador sente medo, sente-se fragilizado. A zona rural, onde vivia, transforma-se no lugar que simboliza a violência sofrida e que se reflete no trauma. Os momentos com a sua família são apagados e dão lugar ao terror que a guerra trouxe para a sua vida. A violação da mãe é a última lembrança que se mantém, por isso deseja fugir porque é uma forma de deixar essa violência para trás, afastando-se do que esse espaço passou a representar.

meus irmãos andavam só à toa, parados, sem fazer nada, eu perguntava estão à espera do pai mas eles não respondiam, o olhar deles era branco, pareciam mulojos, as minhas irmãs se arrastavam no chão cheias de ranho, moscas, lágrimas, era a fome, tio, o mundo lá em Chitepa era só fome e silêncio, só ficaram velhos e crianças, as mulheres que escaparam de ser violadas como minha mãe foram sequestradas em plena luz do dia, os homens diziam vou na lavra e desapareciam, então tomei uma decisão, não espero mais mesmo, bazei no avião da PAM e pronto (MELO, 2001, p. 38).

Chitepa, a vila na província do Bié, passa a simbolizar a dor e a desesperança. A destruição feita pelos bandos é representada pelos olhares e figuras tristes dos irmãos. A vila é representada pela figura das pessoas, que assim como o lugar, tiveram suas vidas destroçadas. Ir para Luanda, para capital, que antes representava o sonho de conhecer o mar, passa a ser a única opção possível. O personagem não pensa na sua escolha, a faz em razão da necessidade.

meus dois irmãos menores, eu olhei pra eles e disse qualquer dia vou em Luanda ver o mar, eles riram pois sabiam o nosso velho jamais que ia deixar, mas nesse dia entrei no avião da PAM como refugiado, ou deslocado, sei lá, vim mesmo aqui em Luanda, o meu pai ninguém tinha notícias dele, parece tinha ido na lavra há três dias, mas ainda não voltara no dia que entrei no avião, comecei a berrar os meus pais

lhes mataram nos bandidos, mi levem só, eu já não tenho mais pais (MELO, 2001, p. 36-37).

Ao perder tudo que tinha, o personagem vai para Luanda. Retomando o sonho de ver o mar, ele vai viver na Ilha de Luanda, a forma como comumente é conhecida a Ilha do Cabo. A sua escolha de espaço de moradia nas ruas traz os resquícios do menino que em Chitepa sonhava em conhecer o mar. Já agora na capital, vive em uma cidade muito distante da sonhada, a Luanda da miséria, da invisibilidade e da desilusão. A mudança de espaço não interrompe o ciclo de violências, que continua afetando a sua vida. Sua experiência na cidade é de presenciar a indiferença, a solidão e o abandono. Na cidade não tem nada e nem ninguém, depende apenas de si.

fiquei outra vez sem nada, sem pai, sem mãe, sem irmãos, não sei se sou deslocado, refugiado ou outra coisa qualquer, não sei se amanhã vou acordar, se hoje terei que matar outra vez, se a televisão vai aparecer, se os moços verdes virão, se a carrinha de sopa vai passar, é de mais tio, eu não aguento, mi dá só cem, tio, eu estou com bué de fome (MELO, 2001, p. 39).

O narrador encerra o diálogo falando de como a solidão se faz presente em sua vida. A dor que viveu e a forma como resiste na cidade lhe traz a imprevisibilidade, marcada pelo medo, pela brutalidade e a solidão. Sobreviver é lidar de forma impensada com o que pode estar por vir, conseguindo reagir e lidar com a perda que o persegue e determina a sua trajetória.

Considerações finais

Com a análise do texto, notamos que é a partir dessa brutalidade cortante que a ação narrada é construída, obedecendo a um projeto de texto que carrega consigo significações de desilusão, violência e resistência. João Melo, em seu texto ficcional, não faz simplesmente uma exposição dos males que perpassam o seu país. Em suas narrativas, o autor mostra a diversidade do povo e dos problemas pelos quais a sociedade luan-dense passa, mostrando diferentes lados dos jogos de poder, da política e das formas de viver e sobreviver na cidade.

Por fim, podemos dizer que o texto apresenta a face brutal da realidade, levando o leitor ao choque através de uma ficção bem próxima do real, tendo como elementos de construção a violência e desilusão. A partir disso, o autor traz para ficção o seu olhar sobre Angola, e principalmente, sobre Luanda pós-independência.

Referências

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 77, p. 95-111, 2007.

ARENDRT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. Tradução de Roberto. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

BANDEIRA, Manuel. O bicho. In: BANDEIRA, Manuel *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ INL, 1970. p. 196.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BITTENCOURT, Marcelo. A história contemporânea de Angola: seus achados e suas armadilhas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A HISTÓRIA DE ANGOLA. CONSTRUINDO O PASSADO ANGOLANO: AS FONTES E A SUA INTERPRETAÇÃO, 2., 1997, Luanda. *Actas [...]*. Luanda: Comissão nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 2000. p. 161-181.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart; ITUASSU, Arthur (org.). *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 103-133.

HAYDÚ, Marcelo. Refugiados angolanos em São Paulo: entre a integração e a segregação. *Revista Ponto e Virgula*, São Paulo, n. 5, p. 117-184, 2009.

KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Entrevista com René Holenstein. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MELO, João. *Filhos da Pátria*. Luanda: Editorial Nizila, 2001.

RIBEIRO, Roberto Carlos. Resenha: Filhos da pátria. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, EDWARD W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009a.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009b. p. 135-177.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade Identidade e a Cultura de Fronteira. *Tempo Social*, São Paulo, v. 1-2, n. 5, p. 31-52, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado – Cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Águilar. Belo Horizonte: Companhia das Letras: Editora da UFMG, 2007.

SCHMIDT, Simone Pereira. Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana). *Abril*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 136-147, 2009.

SILVA, Márcio Seligmann. Literatura e Trauma. *Pro-Posições*, Campinas, v. 3, p. 135-153, 2002.

SILVA, Márcio Seligmann. Narrar o Trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 65-82, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. reimpressão. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX*. Tradução de Joana Angélica D'Ávila. São Paulo: Arx, 2002.

Renata Cristine Gomes de Souza

Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense Fluminense (UFF), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; graduada em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica, RJ, Brasil e Universidade de Coimbra, em Portugal.

Endereço para correspondência

Renata Cristine Gomes de Souza
Universidade Federal Fluminense
Rua Texas, 95
Santo Agostinho 27211520
Volta Redonda, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação da autora
antes da publicação.*